

DOIS LIVROS SÔBRE OCULTISMO.

O ensino de uma doutrina, preponderantemente religiosa, pode processar-se sob dois pontos de vista: o *exotérico* e o *esotérico* (grafando-se um com x outro com s). Destina-se o primeiro ao grande número de discípulos e é de molde a produzir o conhecimento das coisas sob o aspecto meramente exterior, embora por vêzes se esforce na pesquisa de origens e busque possíveis explicações profundas, sem deixar, por isso, de ser conhecimento periférico no sentido que estamos tratando. Nunca chega a entrar na razão interna dos acontecimentos espirituais uma vez que não é do seu papel sondar as causas veladas, misteriosas, ocultas, aparentemente imperscrutáveis de coisas transcendentales, dos chamados fenômenos *paranormais*. Cabe essa tarefa aos estudos denominados *esotéricos*, que êsses, sim, ficam circunscritos, pela própria essência, a um número muito diminuto de estudiosos e menor ainda de pesquisadores. Podemos falar de um Cristianismo exotérico e num esotérico, dependendo unicamente do sentido externo ou interno de sua interpretação. Extensivamente, podemos chamar também de exotéricos os estudos simplesmente descritivos de um dado ramo do conhecimento, que não o religioso, reservando-se o termo esotérico às pesquisas mais profundas, de natureza interpretativa de causas extra-telúricas de certos acontecimentos. Exotéricos serão assim, em geral, os conhecimentos ministrados em nossas escolas, desde o curso pré-primário até o universitário, restringindo-se o elemento esotérico somente a determinados aspectos da alta cultura extra-universitária. A êste gênero de estudos pertence o *Ocultismo*, de que a *magia* é uma das partes principais. Por volta de 1500 a magia figurava no currículo da Universidade de Krakau. Ali estudou Fausto, o célebre doutor "*Magister Georgius Sabellicus, Faustus junior, fonsnecromanticorum, astrologus, magus secundus, chiromanticus, aeromanticus, pyromanticus, in hydra arte secundus*", alquimista, sabe-tudo e mago-negro, que, quando nada seja, serviu de inspiração a um dos grandes poemas da modernidade: *Magia*, assim se chama a religião dos magos, ou seja a arte de conseguir, por meio de uma rigorosa disciplina ou de ritos especiais, poderes superiores de planos supra-terrenos: a vontade espiritual submetendo-se à vontade humana. Servindo-se de encantamentos, fórmulas de invocação, sortilégios, hipnoses, *íncubos* ou *súcubos*, muitas vêzes de realização e de efeitos terrificantes, pretendem os chamados *magos-negros*, através de estranhos.

contactos com espíritos extra-terrenos, os chamados gênios, demônios ou numes conseguir coisas impossíveis, tais como a cura repentina de moléstias incuráveis, êxitos financeiros, conquistas amorosas e outras quejandas maquinações. Os magos-negros, hoje reproduzidos nas figuras dos *macumbeiros*, valendo-se da ignorância popular e de sua fácil credence, procuram obter de pobres e lamentáveis criaturas (dentre elas, algumas vêzes, até gente de alto coturno social. . .) vantagens materiais e morais, sob promessa de prestar malefícios em conjunturas econômicas ou políticas do interesse dos seus fascinados clientes. A êstes fazem crer serem capazes de dominar as leis da natureza e de conseguir, pela mediação de guias e protetores de vária espécie, coisas inconfessáveis. Esquecem-se êsses tais, porém, de que todos os proveitos assim obtidos, por meios ilícitos, tendem, necessariamente, a cair sob a férrea lei da causa e efeito, ou seja o chamado *choque de retôrno*, segundo o qual o bem produz positivamente o bem, e o mal acarreta inevitavelmente o mal, pelos mais imprevisíveis caminhos. Em suma: os frutos serão sempre da mesma espécie da semente.

A *magia-branca*, em contraposição, procura obter efeitos independentes, pelos meios naturais, tendo por base a química, a física ou a simples prestidigitação.

Històricamente o *Ocultismo*, ou melhor, as práticas ocultistas datam do mais longínquo passado, conquanto a sua denominação *Ocultismo* seja recente, a partir do século XIX, apenas. As figuras estranhas, nimbadas de mistério, dos hierofantes, dos profetas, dos advinhos, dos encantadores, dos feiticeiros, das pitonisas e das sibilas, da mais alta antiguidade, estão intimamente ligadas à história dos oráculos, das adivinhações e predições de acontecimentos futuros, numa longa e sugestiva série de relatos, desde a bíblica pitonisa de Endor, que vem narrado no primeiro livro de Samuel (C. 28) até a Cassandra antiga, filha de Príamo e de Hécuba, que recebe de Apolo o dom de vaticinar o futuro, e a moderna Cassandra, Geneviève Tabouis (Mme. de Thèbes) que predisse com impressionante exatidão muitos dos principais acontecimentos da política européia nestes últimos trinta anos, sem falar no estranho Nostradamus, médico e astrólogo francês, que, tendo vivido entre 1503 e 1566 antecipou, e continua antecipando, acontecimentos de nossos dias, como o fez com o despontar da figura tirânica de Hitler. Já no século XIV, também, no *Gesta Romanorum*, coletânea latina de histórias miraculosas, no sugestivo capítulo *De transgressionibus animae et vulneribus ejus*, vem descrita uma espantosa narrativa de magia-negra, ou coisa que o valha. Seja como fôr, não podemos negar a existência de certas forças até hoje não suficientemente estudadas, que não se acham ainda classificadas entre as forças materiais conhecidas. Nomes dos mais célebres, de todos os tempos, ligam-se à curiosa indagação desses mistérios, bastando citar apenas alguns, como Dionísio-o-Areopagita, Apolônio

de Tiana, Fausto, Paracelso e a figura sumamente interessante de Agripa de Nettesheim, o inquieto e turbulento archi-charlatão da época da Reforma. Quando hoje, porém, ouvimos falar, em termos de ciência, nas conquistas da física, da química, da desintegração atômica e de outras maravilhas da civilização hodierna, esquecemo-nos, contudo, de olhar retrospectivamente para um passado cheio de lutas, em que essas conquistas, hoje claras e evidentes, se esboçavam ainda vacilantes, de permeio com a magia-negra, a alquimia, as fórmulas secretas, a busca da pedra filosofal ou *pedra crisopéia*, misteriosa pedra cuja composição era ardentemente desejada pelos alquimistas, a qual teria o estranho dom de converter os metais vis em ouro. A astronomia atual muito deve à astrologia da antiguidade, como a química deve à alquimia e, até certo ponto, à filosofia e à mística, cujas antecipações muito sérias sôbre a unidade da matéria e equilíbrio das forças da natureza não devem ser desprezadas. Dêsses conhecimentos foi lentamente brotando a ciência moderna com os seus compartimentos estanques e suas imensas ramificações. A superstição de outrora, entre os gregos e romanos, que levou sacerdotes e reis a consultar vísceras de animais e de lançar sortes para deduzir o destino dos seus exércitos, superstição que era igualmente correnteia entre outros povos do mundo, como vemos, por exemplo, em Tácito, no cap. X da história dos Germanos, são os primeiros passos na senda intérmina do progresso que hoje usufruimos. Aos poucos, grandes e privilegiados espíritos foram se afeiçoando à pesquisa de fatos aparentemente insondáveis, até às notáveis invenções e descobertas da chamada época moderna. Acertado não é, por isso, atribuir-se, historicamente, todos os malefícios e desastres de fases sociais à prática da magia-negra e suas fatais conseqüências. Ela não é, propriamente, a parte principal do Ocultismo, senão apenas um derivado, uma distensão da magia-branca, que é o fundamento de quase tôdas as religiões e até de muitos ramos do conhecimento científico moderno, que se ocupam com o desvendar de fenômenos paranormais, irracionais, do conhecimento e da vida, como a psicanalise, por exemplo. Esta, que hoje corre mundo sem qualquer restrição de movimento, na mão de leigos, faltos de preparo moral e técnico, pode conduzir aos mais desastrosos resultados. Seria de desejar que permanecesse exclusivamente na mão de técnicos responsáveis, capazes de sobrepujarem com sua força moral tôda a irracionalidade do poder que ela representa. Mas, nesse mesmo mal incorrem também alguns domínios da medicina, da física, da química, e contra isso não há lutar em nossos dias. O fato em si seria espantoso se não tivesse por sua vez ligado a outros fatos e a outras realidades da época terrível que atravessamos. Quem entra hoje numa livraria, mormente nas que vendem livros de ocultismo, ficará admirado da facilidade e da franqueza com que obras versando os assuntos mais danosos de conhecimentos ocultos são

vendidas ao grande público. Impressiona ver a qualidade das pessoas que chegam ali à procura de fórmulas e receitas das mais extravagantes de magia-negra, macumba, feitiçaria. Coisas de arrepiar os cabelos! Em que mãos vão agora parar êsses livros danosos, êsse alimento venenoso para quem o lê, terrível para quem sofre os seus efeitos. Vão parar em mãos de uma pobre gente do povo, ignorante e sem compreensão das coisas, capaz de tudo contra todos. Se não dispõe sequer da necessária instrução para as mais simples coisas da vida como, então, pode estar habilitada a manejar poderosas forças estranhas, que acabam pervertendo tudo e trazendo para todos inominável inquietação? Tudo isso seria espantoso se o próprio Ocultismo não viesse em nosso auxílio para nos dar a chave do problema. Estamos diante de um fato consumado. Fôrça alguma conseguirá mais deter a avalanche, pôr um dique à marcha fatal dos acontecimentos. No final de cada ciclo cósmico (não da evolução histórica ou cultural) abrem-se de par em par as portas da iniciação, para que todos possam entrar, tanto leigos como sábios, tanto ignorantes como iniciados. O conhecimento é franqueado a milhões. Para o seu bem ou para o seu mal? Simplesmente para que cada um dê a medida de sua capacidade espiritual, podendo levar às últimas conseqüências a liberdade de indagação. As ciências ocultas lançam a sua cartada final, para derribar milhões. O que era privilégio de alguns entendidos, apenas, que mantinham o domínio de certas fôrças, encaminhando-as em benefício de todos, constituirá daqui por diante campo livre para tôda espécie de realizações. Por mais tenebrosas que sejam... Chegados que somos à mudança cíclica do nosso sistema planetário, de um para outro signo do Zodíaco, as alterações começam já a exercer sua ação fatal e as experiências terão de chegar ao auge. Essa reflexão nos ocorreu ao folhearmos as obras *Histoire de L'Occultisme*, de L. de Gérin-Richard, e *Histoire de La Magie et de ses dogmes* de Louis Chochod (ambas da editôra Payot, de Paris) que nos foram oferecidas para exame.

A primeira trata de aspectos vários do Ocultismo no Egito, na Caldéia, entre os judeus, na Grécia, em Roma, e analisa o período de transição entre o Paganismo e o Cristianismo. Menciona os primeiros alquimistas, e comenta a atuação dos astrólogos do século XVI e das ciências ocultas através dos séculos XVII, XVIII até os tempos atuais. Preocupa-se, também, com alguns aspectos da *Kabbala*, no século XV, sinônimo de magia, fundada e praticada pelos judeus, da qual teriam derivado outras Cabalas equivalentes, de função semelhante e idênticos objetivos. Cuida de assuntos outros não menos interessantes, como a teoria do duplo etéreo ou do *Ka*, do poder mágico da palavra, da magia sacerdotal, da medicina mágica, dos magos caldeus, da interpretação dos sonhos, dos demônios, da simbologia e do ritual sagrado dos judeus, egípcios e gregos, dos oráculos, do "mi-

lagre grego” e de práticas mágicas, em geral. Fala igualmente das feiticeiras, das sibilas, de livros sagrados e estuda em rápidos traços as figuras impressivas de Miguel Scot, Arnaud de Villanova, Alberto Magno, São Tomaz de Aquino, Rogério Bacon, Nicolau Flamel, Agripa de Nettesheim e Paracelso. E’ ilustrado com algumas gravuras, poucas, mas características.

A segunda obra *Histoire de la Magie*, de Louis Chochod, parece-nos bem mais informativa que a primeira, seguindo quase o mesmo roteiro. Parte da magia na Bíblia e vem até nossos dias. E’ ilustrada com nada menos de vinte e oito gravuras, sendo mais bem dosado o estudo como distribuição de cultura. Traz análises vivas sôbre os três grandes iniciados que foram Moisés, Salomão e Daniel. Trata também da “Kabbala” e do Talmude e das ciências caldaicas. Estuda demoradamente a doutrina secreta do antigo Egito, aprecia o famoso “Livro dos Mortos” e a grande pirâmide e seus mistérios, juntando a êste estudo uma gravura de côrte longitudinal da grande pirâmide. Desenvolve longamente aspectos do Ocultismo na Grécia, em Roma e na Idade Média, concluindo com um estudo sôbre a magia e a ciência e as fronteiras do Além-túmulo.

Diante de tais obras e de tais reflexões resta-nos a pergunta final: São recomendáveis o estudo e a prática do Ocultismo? Positivamente, não! Especialmente para o comum das pessoas, que não dispõem do necessário preparo para entrar nesses assuntos. A aquisição do conhecimento não deve procurar no Ocultismo a sua chave de salvação. O conhecimento deve processar-se gradativamente, através de um estudo racional e metódico das coisas, enriquecendo-se com a gradual maturidade da vida, sem forçar portas proibidas. Quase ninguém, ou melhor, ninguém lucra com o conhecimento supra normal, irracional, das coisas. A vida comum, normal, já traz consigo problemas terrenos de sobra para que ainda a compliquemos mais com devaneios de incursões em outros planos da existência cósmica. Uma grande civilização material está na iminência de uma derrocada por falta da base espiritual equivalente. Sem o equilíbrio ideal das duas conchas da balança, o “equilíbrio da linha-média”, preconizado desde a remota Pérsia, por Zoroastro, ou alhures, através dos ensinamentos de Lao-Tse, Buddha, Krishna, Jesús, Pitágoras e Abd-ru-shin é o único caminho lógico de uma verdadeira harmonia universal. Goethe já se opusera às indagações irracionais, demoníacas, do Ocultismo, firmando-se nos moldes repousantes do classicismo: “Para sermos felizes, temos de ser algo obscuros para nós mesmos”. Não adianta querer baixar às profundezas inquietantes do nosso enigma individual, como não adianta querer penetrar nas arestas agressivas da alma alheia. Trazendo consigo alguma dura experiência colhida em sua mocidade, na fase em que estivera enfermo aos cui-

dados da enigmática Senhora von Klettenberg e do não menos estranho médico que tratou d'ele, Goethe, muito mais tarde, põe nos lábios de Fausto esta exclamação:

*“Ainda não conseguí emancipar-me de todo.
Pudesse de minha vida afastar a magia,
E esquecer, para sempre, suas fórmulas fatais,
Então diante de ti, natureza, eu estaria
Inteiramente livre!
Então valeria a pena ser, de novo, homem,
O homem que outrora eu era
Antes de assim viver, escogitando a êsmo,
Em coisas tenebrosas...”*

Como recurso extremo para enfrentarmos a época trepidante que nos envolve, o Ocultismo decididamente não serve. Antes, demos ouvido ao conselho sadio de Alain, que nos convida a retornar aos lugares comuns da vida, se quisermos conquistar tranquilidade de espírito.

PEDRO DE ALMEIDA MOURA.

Professor da Cadeira de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.